

Resumo de notícias econômicas

23 de Agosto de 2021 (segunda-feira)

Ano 3 n. 158

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 23 DE AGOSTO DE 2021

Tempestade perfeita' derruba expectativas de crescimento

O Estado de S. Paulo

A combinação de inflação e juros em alta, desemprego, crise hídrica e conflitos institucionais, além do atropelo nas votações de projetos do Congresso nos últimos dias, levou economistas e investidores a uma estimativa de crescimento do PIB inferior a 2% em 2022, elevando os receios de populismo eleitoral no País. A “tempestade perfeita” dos últimos dias obrigou economistas e investidores a reverem suas estimativas para o crescimento da economia no próximo ano para o mesmo patamar baixo comum nos anos pré-pandemia, abaixo de 2%.

Enquanto a população sente os efeitos da deterioração da economia no bolso e reclama da alta dos preços do gás de cozinha, da gasolina, da conta de luz e dos alimentos, o mercado está caindo na real. Os principais problemas que azedaram o humor e porque o Brasil segue com risco de ter mais um crescimento estilo “voo de galinha”, depois da retomada mais rápida da crise econômica provocada pela pandemia, sem aproveitar todo o potencial do ciclo de commodities (produtos básicos, como alimentos e minério de ferro). A aceleração da inflação está obrigando o Banco Central a ser duro na alta dos juros e esfriar a economia, comprometendo o crescimento do PIB em 2022. O cenário internacional ficou menos favorável. No front doméstico, a crise política entre os poderes se acirra, elevando a percepção de risco.

“A perspectiva é de um País medíocre”, diz o presidente do Insper, Marcos Lisboa, que se diz assustado com a tramitação dos projetos no Congresso: a reforma do Imposto de Renda e a PEC de parcelamentos dos precatórios, dívidas judiciais que a União é obrigada a quitar. A aprovação desses projetos é chave para Bolsonaro porque, sem eles, será difícil para o governo anunciar um benefício elevado do novo Bolsa Família, sem mudar as regras fiscais.

A PEC dos precatórios reabriu a discussão sobre a quebra do teto de gastos (regra que controla a alta das despesas) e trouxe de volta o fantasma da contabilidade criativa

nas contas públicas. Para o consultor do Senado, Leonardo Ribeiro, a PEC promove uma triangulação financeira para abrir espaço no teto de gastos. “Esse triângulo se assemelha às pedaladas fiscais desenhadas pelo ex-secretário do Tesouro, Arno Augustin, do governo Dilma”, diz ele, que defende retirar o precatório do teto com medidas adicionais de controle dessas despesas.

Às vésperas do envio do Orçamento de 2022 ao Congresso, em até 31 de agosto, as notícias negativas que chegam de Brasília têm provocado volatilidade e aumentado as incertezas para a economia. A percepção é de que esse ambiente de tensão não deve se dissipar, diante do debate das eleições de 2022 e dos ruídos da crise entre os poderes alimentada pelo presidente Bolsonaro. O gatilho para a crise de confiança foi puxado pela apresentação da PEC de parcelamentos dos precatórios (dívidas da União a empresas, pessoas físicas, Estados e municípios reconhecidas pela Justiça), mas outros fatores compõem essa espiral negativa.

A equipe econômica avalia que a volatilidade de agora será passageira e dissipada assim que ficar mais claro o desenho das novas medidas do governo para 2022, como o valor do auxílio Brasil (programa que vai substituir o Bolsa Família), a definição da PEC dos precatórios, o projeto do Imposto de Renda e o próprio Orçamento. Porém, o espaço fiscal é pequeno, diante de tantas promessas do presidente Jair Bolsonaro para garantir a sua reeleição, que incluem, além de um programa de transferência de renda turbinado, reajuste para servidores públicos, novo subsídio para o diesel e pacote para estimular o emprego, com bolsa qualificação para os trabalhadores.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, e o secretário especial de Tesouro e Orçamento, Bruno Funchal, fizeram várias aparições públicas para passar confiança, mas as incertezas continuam. “Reafirmamos o compromisso com responsabilidade fiscal e controle de contas”, disse Funchal, transmitindo a mensagem de que não haverá adesão ao populismo fiscal. Mas o governo não convenceu. O próprio Funchal definiu os últimos dias como “um dos piores momentos em termos de turbulência”, por conta, das incertezas do mercado em relação à proposta de parcelamento das dívidas judiciais.

O Tesouro Nacional conta com um caixa de R\$ 1,1 trilhão – um colchão de liquidez para enfrentar a volatilidade e administrar a oferta de títulos ao mercado. Para

o economista Fábio Terra, professor da Universidade Federal do ABC, essa “tempestade perfeita” deve se manter por um bom tempo. No campo econômico, Antonio Corrêa de Lacerda, presidente do Conselho Federal de Economia (Cofecon), diz que o Banco Central precisará acelerar a alta da Selic, para controlar a inflação, uma “bomba para 2022” pelo efeito no crescimento menor para o País.

Commodities recuam e afetam mercado

Reuters

Nas últimas semanas, o mercado sofreu uma recalibragem de rota. O boom das commodities, iniciado no final do ano passado e que impulsionou as companhias do setor para resultados históricos, começou a enfraquecer. Desde o meio de julho, a cotação dos contratos futuros de minério de ferro negociados em Cingapura caiu 29,7%, passando de US\$ 219,67 para US\$ 154,31. O petróleo seguiu na mesma linha, com queda de 11,84%, para US\$ 65,04, enquanto as commodities agrícolas (grãos, óleo vegetal, açúcar e algodão) amargam uma perspectiva ainda mais negativa. “Estamos mais ‘baixistas’ em relação aos preços agrícolas e esperamos um declínio de aproximadamente 30% até 2024 a partir do preço atual. O consenso da Bloomberg mostra uma queda de 15%, em linha com nossa previsão anterior”, diz o relatório do Bradesco BBI e Ágora Investimentos.

De acordo com José Mauro Delella, consultor da Alta Vista Investimentos, o ciclo de forte de alta observado entre 2020 e o 1.º semestre de 2021 não tem um caráter generalizado e foi motivado por um conjunto de fatores que “perderam força”. “O que impulsionou as commodities foi o investimento chinês em infraestrutura, como resposta aos efeitos do coronavírus, que aumentou a demanda por matérias-primas básicas, notoriamente metais”.

A China foi uma das grandes responsáveis pelo salto nos produtos agrícolas, com um ritmo de importação muito forte, enquanto problemas de ordem climática limitavam a oferta dos produtos. Fora essa questão, em muitos outros países, em especial nos desenvolvidos, foram adotadas políticas fiscais e monetárias bastante expansionistas (diminuição dos juros para estimular a economia), para contornar a desaceleração provocada pelo avanço da covid-19, o que deslocou os preços para cima.

“Nos últimos dias vimos questionamentos sobre essas combinações, com números fracos na China, o que sinaliza um menor ímpeto de expansão chinês na infraestrutura”, afirma Delella. Um outro ponto forte que freou as expectativas em relação às commodities foi o aumento do risco da política monetária expansionista no mundo tenha de acabar antes do imaginado pelo mercado, com a escalada da inflação.

O governo chinês também começou a adotar medidas mais restritivas na operação de algumas siderúrgicas, sob a justificativa de diminuir a poluição e controlar os preços desses insumos. Em paralelo, surgiu o temor sobre possíveis novos fechamentos provocados pela variante Delta do coronavírus. Esses fatores resultaram na desaceleração observada no segmento de commodities na Bolsa. As ações da Vale (VALE3), por exemplo, registraram a maior queda do ano em um pregão, de 5,89%, no dia 30 de julho. Naquela sessão, o minério de ferro recuou cerca de 8%. Entretanto, o cenário continua positivo para o setor.

Apesar das quedas recentes, a visão para commodities, em especial as metálicas e ligadas ao petróleo, continua positiva. A diferença é que agora os ganhos são esperados no médio e longo prazos, sem as grandes variações observadas nos papéis nos últimos 12 meses.

Segundo Ricardo França, analista da Ágora, o investidor que não conseguiu surfar na onda de valorização das empresas relacionadas a commodities entre o final do ano passado e início deste ano ainda pode aproveitar para comprar as ações. “Mas desde que vise o retorno mais no médio e longo prazos. Como estamos entrando em um novo momento de preço, talvez no curto prazo o investidor tenha mais volatilidade nas ações”, diz.

A Ágora tem recomendações de compra para Vale (VALE3), Usiminas (USIM5) e Gerdau (GGBR4), que devem ser beneficiadas pelo pacote trilionário de estímulos à infraestrutura dos EUA. O plano foi aprovado pelo Senado Americano e deve dar um grande fôlego para a indústria do aço e empresas siderúrgicas. No setor de petróleo, por sua vez, França destaca Petrorio (PRIO3) como uma boa escolha, já que a visão é de aumento da demanda com a volta da circulação de pessoas. A visão positiva não é para todos os tipos de commodities. As agrícolas, por exemplo, vivem uma dinâmica diferente, com perspectivas mais negativas. De acordo com França, no curto prazo,

esses insumos ainda devem estar com preços mais altos por conta das condições climáticas desfavoráveis. Nos próximos anos haverá um movimento gradual de recuo.

“A China é o maior importador do mundo de grãos e hoje eles estão com um problema na produção de suínos. As margens estão negativas por conta da compra de grãos a preços mais elevados”, afirma. “A China deve reduzir essa importação de grãos e por ser um grande player, quando isso acontece e há redução de demanda, acaba afetando os preços.”

A baixa nos preços dos bens agrícolas, por outro lado, deve favorecer as empresas na Bolsa que precisam comprar esse tipo de insumo. Segundo os especialistas de mercado, esse é o caso da M. Dias Branco (MDIA3), dona de marcas famosas relacionadas a massas, que tem grande parte do custo relacionado ao preço do trigo. A Ambev (ABEV3) também pode ser favorecida pela diminuição dos custos ligados à fabricação de bebidas alcoólicas

Na turbulência, empresas maduras e exportadoras são opção na Bolsa

Broadcast

O mercado acionário brasileiro viveu mais uma semana de perdas, com novos pesos puxando para baixo o já deteriorado cenário econômico. Além dos temores sobre os efeitos da variante delta do coronavírus, a instabilidade política, a crise fiscal e a inflação, entraram na conta as medidas regulatórias em tecnologia da China e a possível retirada de estímulos econômicos dos Estados Unidos, simultaneamente à queda do minério de ferro.

O cenário desafiador, contudo, pode representar oportunidade para o investidor, uma vez que a maioria das ações está com preço reduzido e o potencial de geração de valor se torna mais atrativo. Os segmentos que podem ser beneficiados com essa movimentação, dizem analistas, são os bons pagadores de dividendos, como empresas dos setores financeiro, elétrico, de saneamento e petrolífero. “Com a queda dos preços, o dividend yield (rendimento do dividendo) da ação aumenta, podendo

inclusive, em alguns casos, superar a taxa Selic ou a inflação”, diz o analista da Terra Investimentos, Regis Chinchila.

Empresas exportadoras e que ganham com a alta do dólar também tendem a se beneficiar da volatilidade, diz o estrategista de Ações da Santander Corretora, Ricardo Peretti, como as do setor de papel e celulose. Suzano e Klabin, por exemplo, são favorecidas pelo câmbio, têm desalavancagem rápida e fluxo de caixa sólido. Perreti afirma que as ações dos grandes bancos e seguradoras se beneficiam do aumento dos juros.

O economista-chefe do Modalmais, Alvaro Bandeira, diz que tradicionalmente, quando se fala em proteção no mercado de ações, as escolhas acabam recaindo sobre empresas mais maduras, como Ambev e JBS, e setores mais resistentes, como o de bancos e de energia, apesar de a crise hídrica adicionar um ingrediente de incerteza sobre geradoras e transmissoras. Para Bandeira, o momento é propício para o investidor comprar papéis aos poucos, aproveitando a baixa, já que o investimento na Bolsa é para maturação de médio e longo prazos.

Com relação às recomendações para a próxima semana, a Ativa Investimentos trocou apenas duas ações de sua carteira Top Picks. Saíram Boa Safra ON e Santander Unit e entraram BRF ON e Vamos ON. Permaneceram Ambipar ON, Sulamerica Unit e Valid ON.

O Daycoval manteve BB Seguridade ON, Hapvida ON e Vale ON em na carteira e pôs Assaí ON e Transmissão Paulista PN no lugar de Lojas Renner ON e Natura ON. A Elite substituiu Allied ON e Metalúrgica Gerdau PN por Inter Unit e Meliuz ON. Ficaram na carteira Alpargatas ON, M. Dias Branco ON e Vale ON.

Expectativa de alta para Ibovespa perde fôlego

Broadcast

A expectativa de alta para as ações no curtíssimo prazo perdeu ainda mais fôlego no Termômetro Broadcast Bolsa. Entre os participantes, a fatia dos que esperam ganho para o Ibovespa na próxima semana recuou de 54,55% na pesquisa anterior para 46,15%, menor nível desde o começo de julho. A percepção positiva para a Bolsa vem arrefecendo, mas ainda representa a maioria do universo.

Por outro lado, nas últimas três sondagens as previsões de estabilidade e de queda vêm subindo. Os que esperam perda para a Bolsa entre os dias 23 e 27 de agosto são 15,38% do total, ante 9,09% no levantamento anterior. Os que acreditam em variação neutra agora são 38,46%, de 36,36%. O principal índice de referência da B3 caiu 2,59% esta semana.

O Termômetro Broadcast Bolsa tem por objetivo captar o sentimento de operadores, analistas e gestores para o comportamento do Ibovespa na semana seguinte. No exterior, o destaque da próxima semana é a conferência anual de política monetária promovida pelo Federal Reserve do Kansas em Jackson Hole, entre os dias 26 e 28 de agosto, com foco no discurso do presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, na sexta-feira.

Para o Citi, em sua fala, ele dará um sinal de que a redução gradual nas compras de bônus (“tapering”) está a caminho. No Brasil, estão previstos dados do Caged e a nota do setor externo referentes a julho, além do IPCA-15 de agosto. O economista do Banco Fator, José Francisco de Lima Gonçalves, afirma que a inflação medida pelo índice acumulada em 12 meses deve ficar ainda acima de 9% por mais 2 meses. “A se confirmar, o ano fecha em torno de 7,3%, ficando 2022 a depender de comportamento favorável da taxa de câmbio”, avalia. Em julho o IPCA15 ficou em 0,83%.

A recuperação do comércio mundial

Broadcast

É forte a recuperação do comércio mundial. O Barômetro do Comércio de Mercadorias, calculado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) desde 2016, atingiu o nível recorde de 110,4 pontos em julho. A alta de mais de 20 pontos nesse indicador em um ano é interpretada pela OMC como indicação do vigor da retomada das trocas comerciais após o período de maior impacto da pandemia sobre a economia mundial. Mas mostra igualmente a intensidade com que a crise sanitária afetou o comércio mundial em 2020.

A evolução desse indicador – que fornece informações em tempo real do comércio internacional e antecipa os resultados efetivos das exportações mundiais –

sugere, na interpretação da OMC, que o auge das trocas comerciais ainda não foi alcançado. Ou seja, nos próximos meses, o barômetro pode alcançar níveis mais altos.

Houve alta em todos os componentes do índice da OMC. Isso mostra que a recuperação está disseminada pelos vários segmentos do comércio internacional. Subiram, por exemplo, os índices de frete aéreo (que alcançou 114 pontos), de transporte de contêineres (110,8) e de matérias-primas (104,7). Esses segmentos registraram alta maior do que a do índice geral.

O índice de produção e vendas de automóveis igualmente subiu, mas mostrou desaceleração bastante sensível em julho. O resultado foi influenciado pelo declínio da produção em alguns países. A queda tem sido provocada pela falta de componentes, os semicondutores, no mercado mundial, o que tem forçado a paralisação de linhas de montagens de diferentes empresas e países. O índice de componentes eletrônicos foi o único dos que integram o barômetro a registrar queda em julho.

A escassez de semicondutores pode ser o sinal de que a recuperação do comércio mundial, embora vigorosa, pode estar perdendo força, de modo que, após atingir seu auge em breve, o barômetro da OMC deve começar a cair. Mesmo assim, a OMC não vê inconsistências em sua mais recente projeção, de que o comércio mundial de mercadorias deverá crescer 8% em volume em 2021, na comparação com os resultados de 2020. No primeiro trimestre do ano, o aumento foi de 5,7% na comparação com 2020, o melhor resultado desde 2011.

O DESAFIO DA INFLAÇÃO E DOS JUROS

O Estado de S. Paulo

Não foi uma semana fácil para o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. O comandante da política de juros no Brasil teve de fazer várias aparições públicas para transmitir confiança de que o BC vai controlar o processo de aceleração da inflação em meio à piora dos indicadores do mercado. Na sexta-feira, o dólar, por exemplo, chegou a atingir um patamar próximo de R\$ 5,50, e acabou fechando em R\$ 5,38.

“Temos os instrumentos, podemos fazer o trabalho. Estamos comunicando ao mercado com mais transparência como usamos nossos instrumentos”, disse Campos Neto, na quinta-feira, 19, com a mensagem de que fará tudo o que for possível e

necessário para atingir a meta de inflação em 2022. Um trabalho também de coordenação das expectativas futuras da inflação, esforço que, como ele próprio admitiu, está sendo atrapalhado por um “fiscal descontrolado”.

Se o presidente Jair Bolsonaro contava com uma atividade econômica em recuperação e números mais robustos para pavimentar seu caminho à reeleição, esse cenário está cada vez mais distante. A espiral negativa é alimentada por ruídos políticos provocados pela percepção de que o presidente vai gastar mais para se reeleger, o que eleva a volatilidade do mercado e provoca a alta do dólar, que impacta ainda mais a inflação, renovando o círculo vicioso negativo.

A crise hídrica, que afeta os preços de alimentação e abastecimento de energia. “A crise hidrológica tem um impacto grande sobre a capacidade de expansão do PIB”, diz Fabio Terra, professor de economia da Universidade Federal do ABC (UFABC).

RISCO FISCAL DE VOLTA AO RADAR

O Estado de S. Paulo

A arrecadação entre a dívida e reduziu pública a relação e o Produto Interno Bruto (PIB). Essa melhora fiscal, porém, despertou ainda mais o ímpeto para gastos no governo Bolsonaro e nos seus aliados do Centrão. Ao invés de melhorar a percepção da política da sustentabilidade das contas públicas, o resultado tem sido mais ruídos que aumentaram o risco fiscal. O temor que ronda as expectativas de é popularidade a percepção de do que presidente a queda Jair Bolsonaro, que vem sendo registrada nas pesquisas, vai levar o governo a adotar medidas mais populistas para buscar a sua reeleição, comprometendo regras fiscais, como o teto de gastos (a norma que limita o crescimento das despesas acima da inflação) e ligando o botão da contabilidade criativa. Nas últimas três semanas, dois focos de tensão do lado fiscal contaminam as expectativas e têm gerado alta volatilidade no mercado: o projeto que altera o Imposto de Renda (IR) e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que parcela em até dez anos o pagamento de parcela dos precatórios.

As preocupações com o projeto do IR são várias, a depender de quem ganha ou perde mais com a mudança, mas do lado das contas públicas o risco é de queda da arrecadação futura, com as vantagens que estão sendo dadas nessa reta final antes da

votação. Além disso, a negociação do projeto, envolve custos adicionais, como o aumento da parcela de recursos da União que é transferida para as prefeituras via Fundo de Participação dos Municípios.

Já a PEC dos precatórios divide o mercado. A maior polêmica é o fato de poder levar o Congresso a retirar essas despesas (só em 2022 são R\$ 89 bilhões) do teto de gastos para não comprometer o espaço no Orçamento para o novo Bolsa Família, rebatizado de Auxílio Brasil, para dar um benefício maior que R\$ 300. O presidente alimentou o risco do mercado ao falar em subir o benefício para R\$ 400.

“A PEC dos precatórios envolve uma operação triangulada com dívidas que ataca de uma vez só duas regras: o teto e as metas fiscais. Ou seja, dribla normas de controle do gasto público e ainda distorce o resultado fiscal do governo central”, avalia Leonardo Ribeiro, analista do Senado e conhecedor dos meandros da confusa legislação fiscal brasileira.

“Não há como cumprir o teto de gastos, pagar os precatórios e manter os programas de governo ao mesmo tempo”, diz. “Esse triângulo se assemelha às pedaladas fiscais desenhadas pelo ex-secretário do Tesouro Arno Augustin, do governo Dilma.”

CENÁRIO EXTERNO EM MUTAÇÃO

O Estado de S. Paulo

Grande exportador de alimentos e minérios, o Brasil tem sido favorecido desde o ano passado com o boom dos preços das commodities (produtos básicos), que se seguiu ao processo de recuperação da economia global depois da pandemia. Agora, os ventos começam a ficar diferentes com impacto na economia, que já passa por problemas domésticos como inflação e juros altos e desemprego resistente e persistente. A desaceleração da China acendeu o alerta para o Brasil. E, como mostrou reportagem do Estadão, o avanço da variante Delta da covid-19 também tem reduzido o otimismo dos economistas em relação à recuperação da atividade global neste ano. A nova cepa tem levado a China a fechar cidades, freando a retomada. O governo chinês vem retirando estímulos econômicos, o que acaba impactando os preços de

commodities importantes para a atividade econômica brasileira, como o minério de ferro.

“De repente, o que acontece no mundo deu uma virada e temos uma desaceleração da China e uma nebulosidade sobre o que o Banco Central dos Estados Unidos vai fazer na política de juros”, diz o economista Fábio Terra, da Universidade Federal do ABC (UFABC). “Tudo que o Fed (o banco central americano) decide é política monetária (no sentido de controlar a inflação) para eles, mas para a gente é política cambial (afeta o valor do real)”, diz Terra, para explicar a importância da conexão dos juros americanos com o comportamento do dólar no Brasil.

Para o economista, o mundo está muito ressabiado com a variante Delta, o que atrapalha o cenário externo. “Isso sozinho nos atrapalharia bastante, só que ainda se soma aos problemas internos, como a crise hidrológica”, diz.

Antônio Corrêa de Lacerda, presidente do Conselho Federal de Economia (Cofecon) e professor da PUC de São Paulo, ressalta que a possível elevação da taxa de juros americana é sempre um problema para a economia global e para o Brasil. Para ele, a desaceleração do ritmo de crescimento chinês é uma má notícia para as exportações brasileiras, porque o Brasil é dependente das commodities.

Brasil carece de opções de investimento no exterior

Broadcast

Com 350 mil clientes divididos entre Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e Brasil, a plataforma Stake oferece a possibilidade de investir em ações na Bolsa americana. Esse tipo de aplicação é uma forma de diversificar a carteira de investimentos com o dólar, principal moeda do mercado global. Para oferecer uma forma fácil e prática de negociação, Paulo Kulikovsky, o diretor de operações e responsável pela fintech na América Latina, avalia o serviço como uma necessidade do mercado brasileiro. Segundo ele, a percepção da busca por novas formas de aplicação e a digitalização dos processos motivaram o lançamento da Stake no Brasil.

- **Como foi o processo de entrada da plataforma australiana no Brasil?**

Começamos a entrar no mercado brasileiro em 2018. O plano era de iniciar a plataforma em 2019, mas adiamos até 2020. Vimos o Brasil como um mercado que

carece de opções para investir no mercado estrangeiro. Até então era necessário um longo processo de documentação e altas taxas que encarecem o serviço. Chegamos com o objetivo de ser uma plataforma acessível e ter qualidade para garantir a confiança dos clientes. Com o adiamento início das operações do Brasil, abrimos primeiro na Nova Zelândia e na Inglaterra, e lançamos a versão brasileira em outubro do ano passado.

- **O que vocês colocaram no papel para avaliar essas necessidades e desenvolver a Stake?**

Vimos duas tendências. A primeira foi a percepção de que os bancos tradicionais foram para o segundo plano e os brasileiros passaram a investir diretamente em corretoras ou com assessores de investimentos, que até então estavam mais restritos às classes mais altas. Além da mudança em relação ao atendimento, outra movimentação observada foi a procura de outras fontes de investimentos. Percebemos que, de tempos em tempos, o brasileiro sofre com a desvalorização da moeda. Nessas horas, todo mundo volta a discutir investimento em dólar e como manter o portfólio seguro. Vimos soluções financeiras em diversas áreas. Entretanto, ainda faltavam opções para quem estava fora dos grandes bancos e desejava ter equilíbrio na carteira nesse tipo de alocação. Além disso, se compararmos as opções de empresas com capital aberto na Bolsa brasileira, são muito menores que as possibilidades no exterior.

- **Como o sr. avalia a democratização dos BDRS (ativos emitidos e negociados no Brasil com lastro em ações estrangeiras) no mercado brasileiro?**

A vinda dos BDRS para a B3 mostra uma mudança na percepção dos investidores. É uma solução, mas é apenas um passo para investir diretamente nos ativos estrangeiros americanos. Os BDRS são uma alternativa válida e essencial para o mercado, portanto, avalio como uma etapa para a maturidade. Da mesma forma que muitas pessoas começam a investir em fundos de ações antes de comprar os papéis, os investidores podem comprar BDRS antes de aplicar diretamente nos ativos para entender a performance das companhias expostas a outro cenário. É claro que existem vantagens e desvantagens dos dois lados. A quantidade de BDR disponível no Brasil é muito menor que as ações lá fora. A liquidez também é diferente, já que as ações estrangeiras são maiores, o que dá agilidade e velocidade. Mas, sem dúvida, o BDR é uma porta de entrada muito importante.

• **A dolarização pode ser uma forma de o portfólio sentir menos o impacto dos movimentos políticos domésticos. É possível que esse fator tenha chamado a atenção dos investimentos estrangeiros entre os brasileiros?**

Nós estávamos com o dólar na casa dos R\$ 4 antes da pandemia e chegou a quase R\$ 6 poucos meses depois. Isso fez com que muitas pessoas vissem a fragilidade do real. Eu nunca vi um economista conseguir acertar a previsão do dólar. É muito difícil, porque existem muitas variáveis. O que mudar em Brasília, todo o cenário pode ser alterado também.

• **Quais as principais barreiras que impedem o investimento de brasileiros no exterior?**

O desafio de abrir uma conta e mandar dinheiro já foi resolvido. A preocupação com Imposto de Renda também foi solucionada, porque disponibilizamos relatórios completos, detalhados e de fácil acesso. O desafio agora é ajudar o investidor a tomar decisões certas na escolha dos ativos. A facilidade de encontrar conteúdo já existe, mas ainda falta educação financeira para ampliar o acesso a outros mercados.

‘Airbnb’ dos armazenamentos avança

Broadcast

O quarto ou a garagem vazia estão virando fontes de renda extra para os brasileiros em meio à pandemia. Esses espaços vagos dentro das casas das famílias começam a ser usados para armazenar objetos de outras famílias e de empresas. No futuro, poderão funcionar como minicentros de distribuição do comércio eletrônico para agilizar entregas.

Desde o início do ano, está em operação no País uma plataforma que conecta quem tem espaço disponível com quem está à procura de áreas para locação. Ela atua em 200 cidades, incluindo todas as capitais e o Distrito Federal. “Queremos ser o ‘Airbnb’ do armazenamento”, diz Mario Quintanilha, CEO da startup All In Storage.

Ex-executivo e acionista da Aliance Sonae, do setor de shoppings, Quintanilha diz que a inspiração do negócio veio de uma necessidade pessoal. De mudança de São Paulo para Florianópolis (SC), acabou deixando os pertences em dois quartos na casa de um amigo. Após o primeiro ano de ocupação, resolveu pagar um aluguel. “A ideia de ter uma empresa de compartilhamento de armazenagem veio daí.”

Nos Estados Unidos, há empresas de compartilhamento de armazenagem em áreas de vizinhança, como a Neighbor, assim como no Canadá, na Austrália e na Europa. Mas no Brasil o segmento é muito novo. Aqui até o mercado de self storage, que são grandes companhias voltadas para a guarda de objetos, está engatinhando. Eduardo Terra, presidente da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC), aponta dois obstáculos ao avanço do self storage no País: não fazer parte da cultura do brasileiro e o valor da locação ser alto para o mercado.

Pandemia. A startup que começou a operar na pandemia foi turbinada por ela. Com a queda na renda provocada pela paralisação de atividades, várias pessoas começaram a locar cômodos vagos da casa para armazenagem, a fim de obter uma renda extra.

Esse foi o caso do consultor financeiro autônomo Fabio de Paula. Em abril, ele decidiu alugar por meio da plataforma a garagem vaga. “Era um cômodo independente da casa, que estava em reforma”, explica.

E encontrou um interessado em guardar os móveis no local. Pela locação, de Paula recebe cerca de R\$ 300 por mês, após descontos da comissão mensal da startup, que varia entre 15% e 20% por promover o “match”.

Na plataforma, o aluguel oscila entre R\$ 10 a R\$ 15 o metro quadrado, a metade de uma locação em self storage, diz o executivo. Outras vantagens são a burocracia reduzida, a locação mínima de um mês e o processo todo online. O que joga contra é que, em caso de sinistro, a responsabilidade é só do locador, de acordo com os termos do contrato da startup.

O engenheiro Bruno Yoshida foi outro que entrou no segmento de compartilhamento de armazenagem por causa da pandemia. Quando a crise sanitária começou, ele tinha alugado um galpão para abrir uma loja de autopeças e aguardava só a licença para funcionar. Com o lockdown, desistiu da loja física. Na época, pensou em devolver o galpão. Mas, fuçando na internet, descobriu a plataforma e um novo destino para o espaço vago: compartilhamento de armazenagem. Yoshida dividiu o galpão em boxes e abriu uma empresa, a iBox. Hoje tem 30 boxes de armazenagem, dos quais 16 estão locados. A expectativa é de chegar a 80 boxes neste ano. “Ainda não estou lucrando, mas o cenário é muito bom”, diz o engenheiro. Ele aluga 40% do espaço por

meio da plataforma e o restante por conta própria. Entre os clientes há famílias se mudando, profissionais liberais que reduziram consultórios e os pequenos e-commerces.

Amazon ultrapassa Walmart em vendas

Reuters

A Amazon superou o Walmart e se tornou o maior varejista do mundo fora da China, de acordo com dados corporativos e da indústria, um marco na mudança do varejo presencial para o comércio eletrônico, que transformou a maneira com que as pessoas compram, de biscoitos a ursos de pelúcia. Influenciados em parte pela crescente demanda durante a pandemia, os consumidores gastaram mais de US\$ 610 bilhões na Amazon nos 12 meses que antecederam junho, de acordo com estimativas de Wall Street compiladas pela empresa de pesquisas financeiras FactSet. Nesta semana, o Walmart divulgou que vendeu US\$ 566 bilhões nos 12 meses que antecederam julho. A Alibaba, gigante chinês do varejo online, é a campeã em vendas. A Amazon e o Walmart não têm dominância na China.

Ao ultrapassar o Walmart, a Amazon destronou uma das mais bem-sucedidas – e temidas – empresas das décadas recentes. O Walmart aperfeiçoou um próspero modelo de negócios no varejo com suas lojas de supermercado gigantescas, que poupou cada centavo possível em custos, o que baixou preços e esmagou a concorrência.

Mas, mesmo com toda essa eficiência e poder, a batalha pelo domínio do atual ambiente do varejo é vencida na internet. E nenhuma outra empresa tirou mais vantagem disso do que a Amazon. O sistema de entregas da empresa (muitos produtos chegam à casa dos clientes em um ou dois dias) e a ampla oferta de produtos primeiro atraiu os consumidores para as compras online – e depois os manteve por lá, comprando cada vez mais. Isso também fez de Jeff Bezos, o fundador da empresa, uma das pessoas mais ricas do mundo.

“É um momento histórico”, afirmou Juozas Kaziukenas, fundador da consultoria Marketplace Pulse. “O Walmart está por aí há tanto tempo, e agora a Amazon aparece com um modelo diferente e o substitui como o número 1.”

Analistas de Wall Street esperavam que essa transição de liderança no varejo ocorreria nos próximos anos. Mas a pandemia acelerou essa agenda, já que as pessoas confinadas em suas casas se voltaram para os serviços de entrega. As vendas do Walmart cresceram durante a crise sanitária, mas esse crescimento foi menor do que o da Amazon, que acrescentou centenas de novos armazéns e contratou cerca de 500 mil trabalhadores desde o início do ano passado.

As vendas do Walmart aumentaram em US\$ 24 bilhões no ano passado, afirmou a empresa. Durante quase o mesmo período, o valor total de tudo o que foi comprado na Amazon cresceu em aproximadamente US\$ 200 bilhões, estimam analistas.

Ainda que os montantes sejam calculados de maneiras diferentes, analistas os utilizam com frequência para comparações aproximadas. É simples saber o valor total das vendas do Walmart, porque quase tudo o que é vendido pela empresa sai de seu próprio inventário e essas informações são publicadas anualmente. Mas os analistas têm de calcular uma estimativa do valor total das vendas da Amazon, porque a maior parte do que os consumidores compram no site é de produtos fornecidos por outros vendedores. A empresa revela apenas as taxas que cobra sobre essas transações. O sucesso da Amazon ocasionou um escrutínio maior. E a empresa começou a receber muitas das mesmas queixas – a respeito da maneira que trata os empregados e do impacto que surte em economias locais e nacionais – que o Walmart enfrentou durante seus períodos de expansão, mais de uma década atrás. “O lobo mau agora é a Amazon”, afirmou Barbara Kahn, professora de marketing da Faculdade Wharton de Administração de Empresas, da Universidade da Pennsylvania, que escreveu vários livros a respeito do varejo.

Guru Hariharan, que trabalhou com vendas na Amazon, afirmou que a companhia superou o Walmart por jogar um jogo diferente. A Amazon fica com US\$ 0,41 de cada dólar gasto online nos EUA, enquanto o Walmart fica apenas com US\$ 0,07, de acordo com a consultoria eMarketer. “Cada um deles tem seu território próprio, onde reinam”, afirmou Hariharan, que saiu da Amazon e fundou a CommerceIQ, que dá consultoria a marcas como Colgate e Kimberly-Clark a respeito de comércio eletrônico.

O Walmart ainda é o maior empregador dos EUA, com 1,6 milhão de funcionários. E vende mais dentro dos EUA do que a Amazon, apesar de o JPMorgan

estimar que a Amazon superará o Walmart no país já no próximo ano. Durante a pandemia, o Walmart aprimorou a capacidade de usar suas lojas como minicentros de distribuição, aonde os consumidores podem ir de carro buscar, “no meio-fio”, o que compraram, uma maneira muito mais barata de atender às encomendas online do que as entregas.

Assessoria de Comunicação – Sedet
Fone: (85) 3444.2900
www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão;
Atualizado em 17/06/2021.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até Junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços*	-9,3	-3,1	-11,7	2,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até Junho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA -BRASIL	3,75	4,31	4,52	4,76
IPCA -FORTALEZA	2,9	5,01	5,74	6,08
INPC	-	4,48	5,45	5,01
IGP-M	7,54	7,3	23,14	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

Nota: (*) Ainda está com relação a maio.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até junho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.888	1.547.833
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.922	8.829.593
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.633.520	48.866.892

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.162	33.694	7.468
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.409	66.686	18.723
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.756	104.338	16.418
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.304	131.844	19.460
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	182.982	159.443	23.539
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.027	187.771	33.256
JAN-IJUL	184.006	226.325	-42.319			
JAN-AGO	218.893	249.950	-31.057			
JAN-SET	256.906	275.920	-19.014			
JAN-OUT	300.857	304.054	-3.197			
JAN-NOV	341.518	329.960	11.558			
JAN-DEZ	372.189	358.139	14.050			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN – JUN)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	35.121	40.957	38.404	55.775
Fechamento	57.673	15.613	13.265	17.844
Total	-22.552	25.344	25.139	37.931

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUN)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	8.594.172	7.416.995	8.025.916	10.038.097

Fonte: CIPP.

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
Ceará	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.